

A EVOLUÇÃO IDENTITÁRIA NAS REPRESENTAÇÕES FEMININAS: ALGUNS POSICIONAMENTOS TEÓRICOS

Sebastião Francisco de Mesquita

Aluno do Programa de pós-graduação em Letras/PPGL/UERN

Dr^a. Maria Edileuza da Costa

Professora do Programa de Pós-Graduação em Letras/PPGL/UERN

RESUMO

O nosso trabalho tem a aspiração de expor um estudo discursivo sobre a construção e a evolução das representações femininas dentro do contexto sócio/histórico/literário. Com este estudo objetivamos apresentar uma discussão a cerca da construção de algumas representações femininas no âmbito literário e no contexto social em que elas foram produzidas, bem como destacar as alternâncias e a evolução da identidade feminina ao longo do tempo. Para desenvolver os questionamentos que ora nos propomos partimos do princípio da representatividade da mulher na sociedade, sua participação na vida social e sua tomada de posição através do tempo. Sobretudo por a literatura ter participação fundamental na construção e representação da mulher como sujeito social. E por mais que a literatura seja um campo bastante povoado por trabalhos, os mais diversos, a temática do feminino apresenta-se sempre atual e instigante para ser debatida e encontra-se aberta a novos questionamentos. Portanto, falar sobre a mulher e sobre a construção da identidade feminina é extremamente necessário na sociedade em que vivemos. Para tanto, tomamos como referência os estudos de Costa (2005), Costa (2010), Lucena (2003), dentre outros. Na sequência de nosso estudo percebemos que as representações femininas sofreram acentuadas alterações ao longo do tempo e que o contexto social e o período histórico são fundamentais para caracterização da mulher e da identidade feminina.

Palavras-Chave: Representação social, Representações femininas, Construção identitária.

O conflito e a evolução identitária nas representações femininas.

A escrita literária é uma das formas de manifestação artística que acompanha o homem há muito tempo, e ao longo da história da humanidade a mulher sempre esteve envolvida como fonte e objeto de inspiração que desperta e atiça a sensibilidade masculina no processo de materialização através da escrita. E, tomando a literatura como manifestação artística, o texto literário representa um rico e intenso material de investigação, o qual envolve aspectos históricos e culturais. E por isso a literatura tem papel fundamental na representação identitária da mulher, uma vez que: “A questão da identidade feminina encontra seus fundamentos mais remotos nos mitos da criação, os quais representam o esforço de compreensão do homem em relação à sua origem e à sua existência na terra”. (ALVES, 2003, p. 17).

Dessa forma, a figura feminina sempre exerceu fascínio e fonte de inspiração na literatura, desde as primeiras representações mitológicas da mulher, a qual tem Lilith

e Eva como as primeiras construções antagônicas da figura feminina. De Lilith e Eva até a sociedade contemporânea a identidade feminina foi sendo moldada, transformada e evoluindo ao longo do tempo, de acordo com as constantes transformações e alternâncias de valores recorrentes na sociedade.

Por isso, durante toda a história da humanidade a mulher sempre esteve envolvida em mistérios e fascínios que desafiam a compreensão humana e alimentam a capacidade criadora do fazer literário. E, através das inúmeras representações das personagens femininas, até então conhecidas, protagonistas de ações e personalidades diversas, observa-se, pois, uma busca incessante que caracteriza e determina a identidade feminina.

Então, através dos registros sobre as representações femininas ao longo da história da humanidade e da literatura podemos encontrar distintas construções da identidade feminina, as quais são definidas pela organização social e pelo contexto histórico-cultural a que pertencem e em que estão inseridas essas mulheres. Dessa forma, é possível observar, não somente uma transformação da identidade feminina, mas uma evolução do papel da mulher na sociedade ao longo do tempo.

Assim, retomando o pensamento de Alves (2003), ao destacar que a construção da identidade feminina encontra seus principais fundamentos nos mitos da criação, partimos então para o mito da criação do mundo, no qual encontramos Lilith e Eva. Segundo os escritos mitológicos que precedem à versão bíblica da mulher, Lilith é uma divindade advinda da lama que foi entregue ao primeiro homem, Adão, como sua companheira. “Criada em igualdade de condições, caracteriza-se como um ser livre, forte, belo e independente e se revolta, quando Adão tenta submetê-lo, abandonando-o”, (ALVES, 2003, p.18). Assim, como não aceitou se submeter, Lilith se rebela contra Adão. Então, “Ao transgredir as leis que regem o universo masculino, Lilith é relegada à convivência com demônios, tornando-se um deles”. (PANDOLFI, 2006, p. 68). Dessa forma, por sua ousadia e atrevimento, Lilith foi banida e satanizada, uma vez que não correspondia com os ideais femininos impostos pela sociedade patriarcal.

Diante disso, Lilith foi, então, substituída por Eva, que desde a sua criação já podemos, também, observar a tentativa de submissão da mulher ao julgo do homem. Segundo a versão bíblica, Eva teria sido concebida a partir de Adão, como parte integrante do seu próprio ser, criada pelo próprio Deus para servir de companhia ao homem, Adão:

Então o *Senhor* Deus fez cair um sono profundo sobre o homem e ele adormeceu. Tirou-lhe uma das costelas e fechou o lugar com carne. Depois da costela tirada do homem, o *Senhor* formou a mulher e apresentou ao homem. E o homem exclamou. “Desta vez sim, é osso dos meus ossos e carne da minha carne! Chamar-se-á ‘mulher’ porque foi tirada do homem.” (GÊNESIS 3: 21-22-23).

Sendo assim, Eva, parte de Adão, constituída da sua costela, permaneceria sob seu controle e não o desafiaria tal como o fez Lilith. Mas, “Ao contrário, levada à desobediência, não por um ato livre de vontade, mas por ter sido instigada, não foi execrada, mas condenada e com ela suas descendentes, a expiar o pecado maior da insubordinação”, (ALVES, 2003, p.18). Assim, por sua desobediência e ação sedutora, Eva foi subjugada e inferiorizada.

Essa visão ambígua sobre a imagem da mulher, que se perpetuou sobre Lilith e Eva, perdurou até o advento do cristianismo e a exaltação de Maria, mãe de Jesus Cristo, que veio a fortalecer a imagem da grande mãe. Pois, Maria representa um típico arquétipo feminino das sociedades patriarcais. Uma mulher forte, sábia, mas passiva, obediente e condicionada aos costumes e princípios do seu tempo, uma mulher dotada de características tidas como “ideais”, dentro dos padrões de comportamento e imposições da sociedade patriarcal.

Assim, Maria apresenta-se como um ideal feminino, uma mulher presa à família e à religião, passiva e submissa, incondicionalmente. Assim, a imagem da mulher Maria veio a reforçar o estereótipo da submissão da mulher ao homem, e restaurar o equilíbrio que outrora fora ameaçado pela rebeldia de Lilith e pela desobediência de Eva.

Neste sentido, essa esfera mágica que circunda sobre a figura da mulher construiu, ao longo do tempo, mitológicas personagens femininas, dotadas de poderes sobrenaturais que lhes dão status de bruxas e/ou deusas. Suas histórias tornam-se mitos, verdadeiras lendas, por causa da sua incrível trajetória de lutas, de tomada de posição, ou simplesmente por sua condição de mulher.

Entretanto, desde há muito tempo, nas relações sociais a mulher é vista como sexo frágil, devendo por isso manter-se submissa, obediente e recatada. Essa era a visão dominante revelada pelo homem, chefe de família da sociedade patriarcal. Assim, se a mulher revelasse qualquer forma de insubordinação a essas prerrogativas era vista como transgressora dos valores morais da sociedade, e a ela cabia apenas o silêncio da sua expressão.

Assim, quando buscamos determinar a construção do perfil da identidade feminina nossa memória discursiva é ativada e remontamos os nossos saberes sobre aquela imagem de Lilith, Eva, Maria, dentre outras, que são confrontadas com outras mulheres, presentes e reais, e desse processo contrastivo formamos nossa própria imagem de mulher, muitas vezes inferiorizada e estigmatizada. É essa formação discursiva que interfere e reflete na construção da imagem da mulher, pois:

“No discurso sobre a mulher ecoam vozes de épocas remotas que dialogam com as do presente e, em sintonia, constroem as palavras que se completam nas imagens, cujos sinais (das palavras e das imagens) histórico-sociais buscamos interpretar”. (LUCENA, 2003, p.159).

Assim, quando resgatamos em nossa memória as imagens das representações femininas, a fim de formar nossa própria imagem de mulher, fazemos menção àquela imagem feminina cristalizada que nos remete a um passado distante. Dessa forma, as relações historicamente estabelecidas pelo sistema patriarcal acabam cristalizando características que valorizam o lado masculino em detrimento do feminino, acentuando as desigualdades econômicas, sociais e culturais entre homens e mulheres.

Mas, com o passar do tempo, a partir da segunda metade do século XIX, com as transformações recorrentes na sociedade e nos meios de produção, surge um novo perfil de sociedade em desenvolvimento, a qual abre espaço para a inserção da mulher como força de trabalho produtivo. Então, a mulher aos poucos sai da cozinha e ascende à sala, ela passa a ter direito de voz, a exigir seu espaço, sua emancipação, sua identidade, felicidade e realização pessoal.

Assim, com as transformações no espaço social a mulher passou a apresentar uma identidade fragmentada e conflitante, que surgiu como um processo formativo da figura do eu em meio a uma multiplicidade de valores e vozes que dialogam entre si, estabelecendo um caráter fluído e instável da identidade dos sujeitos, algo pelo qual se busca conquistar diariamente. E essa nova estrutura social, dinâmica, plural e instável produz novos ambientes de atuação feminina, e exige a participação de uma nova mulher, capaz de atuar em qualquer lugar e pensar globalmente, em busca da própria felicidade e de constituir-se a si própria.

No que diz respeito a essa nova mulher Confortin afirma que: “A mulher dos novos tempos deve possuir novos conhecimentos, comportamentos e atitudes para assumir novas tarefas e responsabilidades como membro da comunidade e agente de

mudanças no sistema social.” (CONFORTIN, 2003, p. 120). Esse é o desafio da mulher do futuro, que deverá ter a capacidade de transcender, de comunicar-se, de ser flexível para adaptar-se aos mais variados meios e situações, e para que a vida não se torne uma rotina monótona.

Sendo assim, neste início de século, a imagem da mulher já perdeu muito do estigma que outrora lhe reduziu a simples existência, quando ela não tinha direito de vez nem voz na sociedade, e ela agora “passa a ter o perfil de alguém em busca do prazer no trabalho criador, abraçando a conquista de construir-se a si próprio” (CONFORTIN, 2003, p.119). Uma mulher em busca da sua própria felicidade, engajada nas relações sociais, no mercado de trabalho e nas decisões políticas, em busca da liberdade, da definição da sua própria identidade, da sua emancipação. E sobre a emancipação feminina Lucena diz que: “A tão proclamada emancipação feminina relaciona-se diretamente com sua liberdade, independência, modernidade, com a possibilidade há muito almejada de tornar-se senhora de seus próprios atos, de seu destino, enfim, de tornar-se pessoa”. (LUCENA, 2003, p.164). Este é o retrato da mulher moderna, que com o passar do tempo libertou-se da submissão masculina e passou a atuar em todas as áreas e a dominar o mercado de trabalho, elas passaram a trabalhar fora, se tornaram independentes sem, contudo, perder o papel de mãe e esposa.

O que dizem alguns autores sobre o feminino na literatura

Nascer homem ou mulher em qualquer sociedade é mais que um simples fato biológico. É um fato biológico com implicações sociais. As mulheres constituem um grupo social distinto, e o caráter deste grupo, por muito tempo negligenciado pelos historiadores, nada tem a ver com “natureza” feminina. [...] Os sexos biológicos são redefinidos, representados, valorizados e canalizados para diferentes papéis em vários modos culturalmente dependentes.

Cristiane Klapisch-Zuber

Pensar a mulher fora do convívio social, ou como pertencente a um grupo biologicamente e, principalmente, socialmente inferior é negar-lhe o direito de ser cidadã, de conquistar seu espaço e realizar-se como pessoa, e ainda tentar apagar uma

importante página da história da humanidade como um todo. Pois, historicamente não é possível dissociar a imagem feminina do processo de evolução da humanidade. Uma vez que, mesmo quando a mulher não esteve à frente nos campos de batalha e nos postos de trabalho, ela sempre esteve no centro das discussões que movimentaram e modificaram a forma de pensar da sociedade.

Dessa forma, ao desempenhar tão importante papel como sujeito social e ideológico na sociedade, em suas diferentes épocas e contextos, a mulher constituiu-se como figura representativa, a qual se apresenta em todos os espaços sociais, inclusive, e de forma significativa, como elemento inspirador nas mais diversas produções literárias, as quais tentam ilustrar e/ou reproduzir o comportamento feminino e a participação da mulher nas ações sociais, e assim caracterizar e construir uma identidade feminina.

Com isso, nas produções literárias durante toda a história da humanidade, e principalmente ao longo do século XIX, com a ascensão do romance, a figura feminina sempre esteve presente como protagonista de histórias cheias de deslumbramentos, as quais desafiam a compreensão humana e despertam a criatividade nas produções literárias. E esta participação assídua da mulher nas produções literárias produziu posicionamentos e reações diversas que mobilizaram e transformaram a imagem da mulher como sujeito socialmente ativo, mas este foi um processo lento e gradual. Pois, mesmo durante o século XIX o que ainda se pregava é que a mulher realizava-se através da maternidade e que ela não tinha condições nem físicas nem intelectuais para assumir qualquer posto administrativo, ou qualquer profissão que, historicamente, é compreendida como atividade tipicamente masculina. Mas o que observamos nos dias atuais é que “as mulheres de todas as classes, etnias e gerações invadiram o mundo público, mesmo que, na maior parte das vezes, não ocupem postos de comando” (RAGO, 2004, p. 33)

Dessa forma, a mulher moderna, presente nas obras literárias, se confunde com as mulheres reais, e uma passa a ser modelo/reflexo da outra e vice-versa. Neste caso a literatura é compreendida como uma reconstrução/recriação, das ações do homem em sociedade. Mas, as personagens femininas só vieram a ganhar destaque nas produções literárias após a consolidação do romance, o qual passou a retratar um ambiente social mais centrado na vida cotidiana e menos alimentado pelas fantasias mitológicas. Com isso, a imagem feminina que temos presente hoje na literatura é resultante das figuras femininas que foram reproduzidas nas obras literárias ao longo do tempo.

Assim, na literatura brasileira a mulher ganhou desenvoltura juntamente com o surgimento das produções indianistas, uma das ramificações desenvolvidas pelo Romantismo, movimento literário amplamente desenvolvido no início do século XIX, tal conforme destaca Lucena:

Nos primeiros anos do século XIX, o Romantismo surge com vários segmentos, entre eles, o Indianismo como forma de exaltar o herói nacional através da figura indígena. Então, o rosto feminino brasileiro “era branco, negro e índio, e sobre ele detiveram-se os poetas, prosadores e artistas” (LUCENA, 2003, p. 82).

Neste período o sentimento nacionalista foi bastante enfatizado pelos poetas e artistas, e a figura do índio estava sempre presente, o qual era representado como herói nacional. Neste quadro o índio tornou-se figura marcante, principalmente, na escrita de José de Alencar, que em muitos de seus escritos a mulher é representada como mãe e esposa dedicada e obediente, características elementares para as mulheres da sociedade do século XIX. Todavia, a escrita de José de Alencar não se restringe apenas a representar a mulher como ser passivo e obediente, pois não podemos esquecer-nos de Lucíola e Aurélia, personagens fortes, determinadas e exemplo de superação, que ignoraram as imposições de sua época e transgrediram normas socialmente estabelecidas.

Neste contexto, a figura feminina ganhou maior destaque e significação, pois a mulher representava o símbolo de uma nação, a responsável pelo surgimento de uma nova raça e pela formação da nação brasileira, como um conjunto étnico único, através da miscigenação entre o índio e o homem branco, como destaca Costa:

A personagem feminina, nesse caso, é um símbolo sob o qual foi transmitido o mito da fusão de raças e o início da sociedade brasileira, mas destacando-se como símbolo de amor e abnegação: um modelo de mulher querido pelo colonialismo, por causa da submissão ao domínio do homem, tido como superior. (COSTA, 2010, p. 240).

Estas características de submissão e obediência eram algumas das exigências apresentadas para mulher símbolo do Romantismo. Uma mulher que trazia sempre presente a figura do homem como seu senhor, ao qual devia respeito, obediência, admiração e vivia em uma situação de total dependência da figura masculina.

Mas, com o passar do tempo e com o surgimento de novas tendências literárias as personagens femininas ganharam uma nova forma de representação, saindo da

condição de submissão em que viviam e ganhando maior desenvoltura dentro da narrativa. Essas novas características apresentadas pelas personagens femininas sinalizavam o declínio do Romantismo e anunciavam a chegada de uma nova tendência estético-literária chamada de Realismo, que:

Ao contrário dos românticos que impunham à figura feminina a um papel dependente, os realistas dão à suas heroínas um relevo cujo perfil vai-se intensificando com o surgimento da narrativa; assim as personagens femininas são mais fortes e objetivas, capazes de conduzir a ação. (*Idem*, 2010, p. 241)

Neste período, a mulher não é mais representada com tanta inocência e passividade, ela passa a assumir o papel de protagonista de suas histórias, passando a lutar para construir seu destino e decidir por si própria, de forma que “[...] a atitude da mulher, nesse contexto, é de insubmissão, o que a torna capaz de manifestar reação contra o que a desagrada ou contraria, revelando novos traços na psicologia feminina.” (*Idem*, 2010, p. 242). Neste momento, observamos uma acentuada transformação da personalidade feminina, demonstrando, com isso, as constantes alterações pelas quais passaram a imagem feminina. Assim, a mulher que fora tantas vezes representada pela literatura e que exibiu distintas personalidades, passou a apresentar um comportamento oscilante “[...] ora sem voz, ora com marcante voz dentro de sua construção. Essas personagens femininas não surgiram do nada. Elas são frutos de um espaço e de um tempo específico. Elas são o resultado de uma mistura de inúmeros modelos femininos, [...]” (*Idem*, 2010, p. 242). Ou seja, as transformações recorrentes na representação da mulher dentro da literatura é resultado de um processo de transformação social que caracteriza um espaço temporal específico. Assim, diante das transformações na dinâmica social houve também, e principalmente, mudanças significativas na forma da representação feminina.

Dessa forma, ao longo do século XIX e já na sua primeira metade, houve algumas transformações no que diz respeito à posição e representação social da mulher, e com isso a literatura também passou a exibir novas características sobre o ser feminino. E, talvez uma das características mais significativas seja o fato de a mulher ter assumido uma posição de heroína, ao lutar e reivindicar a realidade opressora em que vivia, e assim tornando-se mártir em suas conquistas. Então, de acordo com Costa (2010):

Nessa situação literária e social, a mulher integrou uma participação expressiva no ideário masculino, o qual a pusera em cena em distintas ocorrências, quadros, atitudes, costumes, considerando que, ao passar do tempo, ela assume uma multiplicidade de identidades conflitantes, bem como a forte presença da sua voz, fazendo a sua construção estabelecer a condição feminina não com tanta passividade. (*Idem*, 2010, p. 241).

Com isso, percebemos que a mulher ilustrada pela literatura já não mais corresponde a um ser idealizado e inspirador de sentimentos puros e imortais, mas sim o lado humano e carnal é que se faz presente e revela um ser movido por sentimentos e por vontade própria, capaz de lutar e desafiar o historicamente estabelecido para conseguir realizar seus objetivos.

CONSIDERAÇÕES

Conforme o exposto acima, e através dos nossos estudos e investigações literárias observamos que a literatura, ao longo do tempo, em suas diferentes épocas e estilos, além de ter um caráter de transmissão de conhecimento e veículo de aprendizagem, tem contribuído para construção de uma imagem representativa da mulher. Às vezes classificando-a como um ser passivo, inferior e submisso aos desígnios da figura masculina, colocando-a como modelo de comportamento de determinada realidade sócio-histórica. Mas, que, com o passar do tempo, com as transformações na sociedade, a mulher aos poucos foi conseguindo conquistar seu espaço e passou a ser vista como alguém em busca de garantir seus direitos, sua felicidade e realização pessoal. Este é o perfil da mulher emancipada, da mulher do futuro. Então, é essa mulher do futuro, alheia a paradigmas e preconceitos sociais, liberta e que tem vontade própria que configura a mais recente construção/representação da identidade da mulher.

Neste sentido, por mais que a literatura seja um campo bastante povoado por trabalhos os mais diversos, a temática do feminino apresenta-se sempre atual e instigante para ser debatida, e encontra-se aberta a novos questionamentos. Portanto, falar sobre a mulher e sobre a construção da identidade feminina é extremamente necessário na sociedade em que vivemos, a qual ainda preserva profundas marcas do machismo remanescente de outrora. E, “Se tanto já se falou e ainda se fala sobre a mulher, é porque sua trajetória histórico-social é marcada por inúmeros percalços e grandes sonhos.” (LUCENA, 2003, p. 159). Com isso, as discussões sobre o feminino,

no âmbito da literatura, comportam e aguardam a atribuição de novos olhares, como uma forma de enriquecer este tema de interesse geral, de homens e mulheres, e que venham a retificar antigas conclusões, ou ratificar os resultados já existentes.

Dessa forma, o desafio da investigação literária é um incentivo à busca constante por respostas que venham a preencher as lacunas que vão surgindo ao longo das nossas leituras. Por isso a necessidade do desenvolvimento deste trabalho, o qual terá como resultado não apenas as respostas às nossas inquietações, mas também promover uma discussão sobre a questão da identidade feminina e servir de aporte teórico a trabalhos posteriores.

REFERÊNCIAS

ALVES, M. M. P. A primeira Feminista das Américas: as marcas da ousadia e da repressão nas cartas de Sor Filotea de la Cruz e de Sor Juana Inés de la Cruz. *In*: LUCENA, M. I. G. (organizadora). **Representações do Feminino**. Campinas. SP: Editora Átomo, 2003.

CONFORTIN, H. **Discurso e Gênero: a mulher em foco**. *In*: LUCENA, M. I. G. (organizadora). **Representações do Feminino**. Campinas. SP: Editora Átomo, 2003.

COSTA, M. E. **O mito feminino: de Marília á Capitu**. João Pessoa (PB): UFPB, 2005, Tese Doutorado.

COSTA, M. E, LOPES, L. C. V, REDSON, J. C. **As relações de alteridade do discurso feminino na literatura brasileira**. *In*: **De memória e de identidade: estudos interdisciplinares**. Costa, M. E, Etal (Organizadores). Campina Grande: EDUEPB, 2010.

KOOS, M. V. **Masculino+Feminino: uma nova coreografia para a eterna dança das polaridades**. São Paulo, 2ª Ed. Escrituras Editoras, 2004.

LUCENA, M. I. G. (organizadora). **Representações do Feminino**. Campinas. SP: Editora Átomo, 2003.

LUCENA, M. I. G. As representações do Feminino na Publicidade. *In*: LUCENA, M. I. G. (organizadora). **Representações do Feminino**. Campinas. SP: Editora Átomo, 2003.

PANDOLFI, M. A. Imagens femininas no romantismo espanhol e brasileiro: Espronceda e Álvares de Azevedo. *In*: **Anuario brasileño de estudios hispánicos XVI**. Madri, Prol Gráfica e Editora, 2006.

RAGO, M. Ser mulher no século XXI ou carta de alforria. *In*: OLIVEIRA. S, RECAMÁN. M. e VENTURE, G. (Org). **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. 1º Ed. São Paulo: Fundação Perseu Abrano, 2004.